NUMERO 109. QUINTA FEIRA 13 DE MAIO DE 1830.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HIPÓLITO JOSE DA COSTA"

O AMIGO DO HOMEM, E DA PATRIA.

Malheur à l'homme qui rapporte tout à lui, qui ne voit que lui dans la Nature.

Subscreve-se a 5$ reis por semestre, pago no principio delle: huma Folha que sahirá ás Terças, Quintas, e Sabbados, em Porto Alegre na Typographia; no Rio Pardo em Casa do Sr. José Antonio Soares; e no Rio Grande em Casa do Sr. Francisco Manoel dos Passos. Folhas avulças na mesma Typographia a 80 reis cada huma.

INTERIOR.

Os servis, que parecião haver desmaiado nas suas loucas tentativas, tornão a levantar a cabeça e pertendem por meio de huma negra intriga, perturbar outra vez o Brasil, que apparentemente marchava a huma melhor ordem de cousas, isto he, a ver executadas as Leis, a Constituição, e introduzido nas nossas estragadas finanças algum principio de reforma. Sonhão-se conspiraçõcs, que não tem outra realidade mais do que os sustos, ou a perversidade de quem póde persuadir-se da sua existencia; diz-se que os liberaes estão descontentes do Ministerio actual, e que querem desapressar-se delle, bem como fizerão ao que precedeu; dão a entender que a administração por huma condescendencia criminosa, anima os attentados, e dá força ao partido, que trama, para destruir as fórmas Monarchicas no Brasil. Para isto accumulão-se as mais ridiculas imputações, recorre-se a todo o genero de *coincidencias*, faz-se suppor desordens, e violencias, aonde não houve se não enthusiasmo e patriotismo, truncão-se as expressões dos Periodicos livres, afirma-se por exemplo achar-se nelles *que o Brasil só deve ser povoado por Brasileiros*, quando a *Aurora*, a quem essa accusação se refere, disse, formaes palavras — *a melhor gente para povoar o Brasil são os Brasileiros*; lança-se mão finalmente da arma favorita, a intriga entre Brasileiros natos, e adoptivos, pintando aos olhos destes ultimos, projectos, proscripções que nunca existirão, excitando assim receios, e suspeitas, com que contão açula-los contra a Patria commum, e suas instituições liberaes. Mas quaes são os Periodicos, quaes são os escriptos livres, que (segundo elles dizem) perpetuão *a agitação dos póvos* contra o Ministerio, que está no timão dos negocios? Por huma, ou outra censura que se tem feito aos seus actos, nós temos visto renderem-se muitos elogios ás intenções que mostrão, ao zelo, que alguns delles tem desenvolvido contra a raça dos prevaricadores, dos ladrões de Fazenda pública, hoje mais empenhados do que nunca em descrever o Brasil como afflicto em todos os pontos por *dissenções intestinas*, para fazer crer que este ministerio não tem aquella energia e força necessaria, para conter os partidos, e enfrear os sediciosos que aspirassem a mudar entre nós a forma de Govêrno. A reunião das Camaras se avisinha, e a idéa de que estas, coadjuvadas pelos Ministros, poderão entrar com o archote da indagação no antro de tantas dilapidações, e desperdicios, assusta desde já *os salteadores* que procurão huma

sahida por onde se escapem de tão imminente perigo. Não póde haver outra mais obvia do que erigir huma Administração, que os proteja, que negue ao Corpo Legislativo as informações e detalhes que este carece, e excitando contra si a indignação pública, faça perder em inevitaveis declamações, o tempo precioso que teria sido approveitado na confecção de actos importantes, e cheios de resultados proficuos.

No Paquetá (dizem os iutrigantes) *exíste hum club*: e que provas apresentão elles de tal asserção? Será bastante a simples palavra de hum escripto nem assignado? *Quer-se expellir dos empregos os Brasileiros nascidos na Europa*: com tudo vemos huma infinidade delles, occupando tranquillamente os cargos mais importantes na administração, e com especialidade no exercito: esse plano, essa maquinação contra Europeos, porque symptomas se tem manifestado? Não sabemos que elles fossem ainda perturbados na fruição das suas propriedades, commodos, ou quaesquer habitos da vida: nenhum acto Legislativo, nenhuma medida do Governo tende a estabelecer entre elles e os Brasileiros natos huma distincção odiosa: a Constituição, esse alvo de todos os tiros, objecto de todos os queixumes da facção servil que hoje move taes intrigas, lhes afiança pelo contrario a igualdade de direitos: não são aquelles, que se esforção por mante-la, que hão-de faltar-lhes ao que a Lei fundamental tão sabiamente determinou. Receiem-se os Europeos, mas sim dos que, em circunstancias, como as nossas, nos fallão em *salus populi*, que por tanto virtualmente nos ameação com os horrores da revolução, e desprezando a Lei escripta que só póde salvar-nos, e conduzir-nos a seguro porto, nos vêm com hum principio eminentemente revolucionario, e que só presta, quando se pertendem derribar, ou preterir as instituições existentes. Foi em nome da salvação do pôvo, e allegando a maxima, que hoje apparece em huma Correspondencia do Diario Fluminense que *Robespierre e os Jacobinos* fizerão cahir milhares de cabeças, e sacrificarão os Cidadãos melhores e mais illustres da França: he reclamando esse principio de excepção, e gritando sempre, que *não ha Lei, quando se trata de salvar a Patria*, que os Despotas de qualquer natureza, coroados, ou sahidos dentre o povo, tem pizado as liberdades públicas, calcado os mais santos deveres, e enthronisado entre cadaveres, por algum tempo, a tyrannia. No governo Monarchico-Constitucional, o Chefe da Nação foi investido de tantas attribuições importantes; rodeárão-o de tamanho esplendor, e fizerão de tal sorte depender delle tudo o que são beneficios particulares, ou públicos, que nunca será mister á authoridade lançar mão de medidas revolucionarias, huma vez que ella proceda nos caminhos da Lei, e que não haja hum pensamento escondido de sacudir o jugo suave das garantias politicas, afiançadas na Constituição. O *salus populi*, a salvação do Brasil está na fiel observancia do que foi jurado, e os que julgão podêr impunemente, a seu capricho, tomar este pretêxto para miseraveis vinganças, comprometter-se-hão a si, a nós e ao Estado; porém a liberdade não perecerá. A rocha, sobre que está firmada, que he a mesma necessidade das cousas, não se abala, arrancando por de cima algumas raizes, que ahi tem crescido, sob o sol animador das instituições livres.

Nós lastimamos a curteza de certos homens, que julgão salvar-se no arbitrario, de hum perigo, que elles mesmos phantasiárão; que extremecem a qualquer excesso da imprensa periodica, sem se lembrarem que esses excessos não podem alterar a tranquillidade pública, logo que o Govêrno se resguarde com a armadura da Lei, que o choque das opiniões contrarias serve, para que os partidos se contenhão nos devidos limites, e que he só o terror panico dos que tem medo da propria sombra quem faz que os sectarios do despotismo nutrão ainda esperanças, ainda procurem illaquear a boa-fé de hum Monarcha, que não quer, nem deve querer, se não a ventura do Brasil, mas que póde ser illudido; por isso que nos Seus Paços se achão alguns daquelles, que mais ganhão na confusão geral; ou para escaparem ao castigo que tem merecido, ou para se vingarem das que elles suppõe afrontas, e desdoiro de suas pessoas. Os boatos que circulão, confirmados por alguns tristes impressos de que toe

do o mundo *conhece* os authores, affligem sensivelmente o coração dos bons Brasileiros, que adherindo com força ás liberdades da sua patria, prezão o throno constitucional, como garantia de ordem e repouso. Permitta o Ceo que a loucura de huma facção não triumphe nos conselhos publicos; elle nos guie, a través de dias bonançosos, ao porto, que procuramos, e nos foi solemnemente promettido!

(*Aurora Fluminense.*)

São Paulo. — O Snr. Japi Assú entrou, como costumão dizer, com o pé esquerdo nesta Cidade. Ninguem tem achado tanta gente prevenida a seu favor, mas ninguem em menos tempo tem prevenido tanta gente contra si, como o Snr. Japi Assú. Todos dizião — elle tem talentos, sabe, he liberal, os sentimentos são muito Brasileiros, o Brasileirismo alli vem já de longe, oppoz-se ao celeberrimo Salvador Jozé Maciel, &c. &c. — mas em pouco tempo forão-se calando, e pouco depois manifestou-se hum desgosto, que, se for no progresso que annuncia brevemente se converterá em odio; e o caso he que não vemos, a fallar a verdade, razão para tanto: o effeito que vemos he maiór do que as causas, que sabemos. Temos visto indiscrições, verduras, irreflexões no modo de fazer cousas, que talvez feitas de outro modo, serião bem boas, e por ventura louvadas. Agora o que dá motivo a todas as conversações, he o que aconteceu no dia 18 do corrente na reunião dos Jurados. O Snr. Japi Assú guiou-se só pela Lei de 1823, desprezou o sentido claro, obvio, natural, e seguido geralmente por todos e em todo a parte, e teimou, e decidio, que na primeira reunião apenas se fizesse o sorteio dos nove Juizes de Facto, e que estes, apezar de estarem todos alli presentes, fossem avisados por editaes para comparecerem dous dias depois, a fim de darem então o seu juizo sobre o objecto que ainda não conhecem, porque ainda lhes não foi por modo algum presente. Não fez caso o Snr. Japi Assú desta bagatella do artigo 5, da Resolução de 12 de Novembro de 1828 — *Formando cada hum dos Conselhos, de que trata a Lei da Liberdade da Imprensa nos artigos* 26 *e* 36 *DEVERA' LOGO E SEM INTERMEDIO concluir o acto para que foi formado* — O Snr. Japi Assú disse muitas vezes (e foi só o que disse no muito que fallou) que ainda não estava formado o Conselho, e que por isso ainda não cabia o — *logo e sem intermedio* — mas desde que estavão tirados a sorte os nove Juizes de Facto, não estava formado o Conselho? Que mais era preciso? o *fiat* do Snr. Ouvidor? Não por certo, o fiat de S. S. não he preciso para nada. O Snr. Japi Assú tinha meditado a materia (o que não abona muito a sua habilidade) e trouxe hum calhamaço de 1825 para provar a pratica do Rio de Janeiro depois da Resolução de 1828. Escapou a S. S. a pequenina ponderação de que o anno de 1825 veio a este mundo antes do de 1828, e que ainda quando a pratica valesse contra expressa determinação da Lei, só esse extraordinario podêr sería dado á pratica posterior. S. S. tambem affirmou que ainda o anno passado víra similhante pratica na Côrte, e mais de hum cento de pessoas sisudas, e de muito boa vista, e demais a mais impressos attestão o contrario. O Snr. Japi Assú não se enganou em huma circunstancia indifferente, mas sim em huma parte essencialissima da instituição dos Jurados. O espaço, que medeia entre a extracção das sortes e o dia aprasado para o julgamento, póde ser muito consequente tanto para o accusador como para o accusado; muita cousa se póde fazer, e S. S. não ignora, que neste vale de lagrimas ha muita miseria tanto de entendimento como de vontade. Muito confiamos em todos os Juizes, mas não he por estes, ou por aquelles que se devem as cautellas tomar, he pelo que póde acontecer. Se foramos hum pouquinho mais malicioso do que somos, poderamos attribuir a interpretação do Snr. Japi Assú á má parte, mas longe de nós faze-lo; foi erro de entendimento, e a sua afirmação, de que ainda o anno passado víra assim praticar-se na Côrte, foi hum lapso de lingua, mau lapso todavia, porque podia muito bem fazer grande mal, pois não he pequeno a infracção de huma Lei tão importante para a liberdade, e em hum ponto da Lei, a nosso ver essencial. E o que se

ha de fazer hoje 20, em que se reune outra vez o Conselho de Jurados? Continuará o Snr. Japi Assú na sua teima? Cuidamos que não; e se continuar diremos que algum erro-sinho de vontade anda tambem envolvido no erro de entendimento. E os nove Snrs. Juizes de Facto quererão encarregar-se de nullamente proferirem hum julgamento? Cuidamos que não. Já o Observador, que nos precedeu muito disse a este respeito: não cancemos mais o publico com esta materia, e Deos illumine o Snr. Japi Assú para felicidade deste Pôvo que quer, e sabe querer ter Magistrados bons de entendimento e de vontade, e mesmo para tranquillidade do Snr. Japi Assú, a quem, apezar de tudo, somos affeiçoado, já por patricio, já porque tem sido não pouco perseguido, já finalmente porque entendemos que elle possue bem boas qualidades, e que só precisa de melhor reflectir no que se propõe fazer.

(Do Farol Paulistano.)

ANECDOTAS.

— Este tumulto de ontem á noute, o que lhe pareceo? (passava-se este dialogo no dia 26) — Eu sei .... — Nunca vi huma confusão similhante; todos gritavão, todos mostravão enthusiasmo; todos davão *Vivas*, e isto não me agradou; isto não vai bem. — Então, houve alguns actos de violencia, alguma desordem? — Não; *porém podia have-las*, e depois disso.....eu receio — O que receia? — Receio, e muito, que o povo não va tomando o costume de enthusiasmar-se pela Constituição.

— Diz-se que pessoas muito sizudas desaprovárão solemnemente os festejos do dia 25. — Huma bulha, hum arruido tamanho, e isto diante da gente de côr! — Ao menos se não houvesse côr! — Quem nos dera cá o socêgo de Lisboa, e o regimen paternal, que alli o mantem!

(Da Aurora.)

ANNUNCIOS.

Tendo-se já annunciado por este Trem, para quem tivesse 200 meios de solla, e 100 pelles de vaquetas, comparecer no mesmo para se proceder ao ajuste da compra á aquelle que mais barato, e melhor genero apresentasse; e não tendo comparecido pessoa alguma, novamente se annuncia, que quem tiver os generos a cima mencionados queirão comparecer na Repartição do Trem de Guerra, no dia 20 do corrente das 8 horas da manhãa até ao meio dia. Trem de Guerra 12 de Maio de 1830. — O Escrivão do Trem. — Augusto Cesar Muzzy.

Roga-se ao Snr. que comprou huma pessa de Algodão Americano em 15 de Abril de 1830, em huma loja de Fazendas por baixo de Jozé Ignacio Lourenço, queira por obzequio hir a mesma loja pagar; do contrario se annunciará por esta folha o seu nome.

Fugio no dia 5 do corrente hum preto ladino de nome Lourenço, crioulo da Cidade da Bahia, de 40 annos pouco mais ou menos, de estatura ordinaria, magro de côrpo, e com alguns cabellos já brancos, sem barba, fula bastante, levou calças azuis de panno, camira branca, e levou hum taboleiro com fazendas de varias qualidades; roga-se a qualquer Snr. Capm. de Matto que o apanhar, o entregue a Jozé Francisco da Silveira, na Rua do Ouvidor, junta a casa da Camara Municipal, que lhe recompensará seu trabalho.

Quem quizer comprar a Historia Universal em Hespanhol, com estampas em 17 volumes dirija-se a Rua da Praia, entre a casa de Manoel Jozé de Leão e a obra de Jozé Pinto Guedes Filho, que achará com quem tratar.

Quem quizer comprar os preparos de huma Fabrica de fazer chicolate, falle com Joaquim Coelho Barboza, morador no armazem debaixo do sobrado do Snr. Silvestre de Souza Telles na Rua da Praia, que venderá por preço commodo.

Errata. — No N. 108, pag. 3, linha ultima segunda columna, em lugar de — ninguedi-oseq —lèa-se, ninguem teve.

PORTO ALEGRE 1830. NA TYPOGRAPHIA DE SILVEIRA, E DUBREUIL.
RUA DA PRAIA NUMERO 62.